

## **GERENCIAMENTO DE CRISE: A PSICOLOGIA ATUANDO EM SITUAÇÕES DE EMERGÊNCIAS E DESASTRES.**

Francisco Diógenes Lima de Assis<sup>1</sup>  
Ivancildo Costa Ferreira<sup>2</sup>

### **RESUMO**

O presente trabalho tem como intuito apresentar um breve histórico do surgimento do estudo em psicologia de emergência e desastre, bem como, discutir esses conceitos. O trabalho aborda a Psicologia da Gestão Integrada de Risco e Desastres, anteriormente conhecida como Psicologia de Emergência e Desastre. O artigo objetiva-se, compreender o papel do profissional de psicologia diante desses eventos, ressaltando como o mesmo pode atuar de forma que contribua para o gerenciamento dessa crise. Para a construção teórica do trabalho, foi realizada uma pesquisa bibliográfica, a cerca dos estudos que já foram realizadas neste recente campo de estudo, ressaltando diferentes estudiosos que abordam o tema. A Psicologia da Gestão Integrada de Riscos e Desastres mostra-se como um tema relevante nos estudos atuais, pois é crescente o número de catástrofes no nosso país. Contudo, o estudo possibilitou compreender o quanto esta área precisa de estudos mais aprofundados, pois este encontra-se em construção, ressaltando que é importante a implantação de estudos voltados para o tema, sejam através de cursos de graduação ou pós-graduação.

**Palavras-Chave:** Emergência. Desastres. Psicologia.

## **CRISIS MANAGEMENT: THE PSYCHOLOGY OF WORKING IN EMERGENCIES AND DISASTERS.**

### **ABSTRACT**

This work has as purpose to present a brief history of the rise of study in psychology, emergency and disaster, as well as discuss these concepts. The paper discusses the psychology of Integrated Risk and Disaster, formerly known as the Emergency and Disaster Psychology. The article aims are to understand the role of professional psychology before these events, highlighting how it can act in a way that contributes to the management of this crisis. For the construction of the theoretical work, we conducted a literature search, about the studies that have been carried out in this emerging field of study, highlighting different researchers that approach the theme. The Psychology of Integrated Risk Management and Disaster shows up as a relevant topic on current studies, because it is increasing the number of disasters in our nation. However, the study allowed us to understand how this area needs further study, because it is under construction, emphasizing that it is important of the implementation studies focused on the theme, whether through undergraduate or postgraduate.

**KeyWords:** Emergency. Disaster. Psychology.

---

<sup>1</sup>Graduando em Psicologia pela Faculdade de Ciências Aplicada Doutor Leão Sampaio. E-mail: diogeness.lima@hotmail.com

<sup>2</sup>Professor orientador. Mestre em Psicologia pela Universidade Federal de Alagoas e docente do curso de Psicologia da Faculdade de Ciências Aplicadas Doutor Leão Sampaio. E-mail: ivancildo@leaosampaio.edu.br

## 1 INTRODUÇÃO

Atualmente várias demandas apresentam-se de formas mais intensas no campo de saber da psicologia, convocando-a, dessa maneira a dá suporte aos mais variados eventos que tem ocorrido no cenário social. Dentre essas demandas que surgem, é possível apontar as situações de emergências e desastres. Esses eventos têm ocorrido em grande quantidade, afetando o planeta terra e o nosso país (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2011). Esses eventos produzem sérios conflitos no que se refere à saúde mental dos sujeitos, que sofrem pela perda de entes queridos, ou ainda prejuízos materiais e econômicos (SÁ; WERLANG; PARANHOS, 2008).

Essa pesquisa surgiu a partir do interesse pessoal em compreender como a psicologia trabalha com esse tipo de demanda, levando em consideração que a mesma tem sido convocada para atuar junto a esse gerenciamento de crise, que neste sentido buscará sustentar os mais diversos problemas dos sujeitos que estão envolvidos neste tipo de situações. As contribuições sociais que este estudo pode trazer para a sociedade é a de elucidar como a psicologia pode atuar para contribuir com o trabalho de assistência as famílias e vitimas dessas catástrofes sejam elas naturais ou não.

O intuito desse trabalho é buscar apresentar as possíveis formas de atuação da psicologia nas situações de emergências e desastres. Bem como, apresentar alguns conceitos como emergência e desastre, e a possível intervenção que pode ser feita a partir da atuação dos psicólogos que atuam nessa área tão recente em nosso cenário atual. Para tanto lançamos a seguinte pergunta problema: Qual o papel do psicólogo junto à assistência de pessoas que estão passando por situações de emergências e desastres?

Para a construção teórica deste trabalho utilizou-se como método a pesquisa bibliográfica, que neste sentido busca abranger toda bibliografia já tornada pública no que diz respeito ao tema de estudo, ou seja, ela não é apenas uma repetição do que já foi estudado sobre algum assunto, ela proporciona investigar de uma nova forma ou enfoque chegando a novas conclusões (LAKATOS; MARCONI 2010). Dessa maneira a pesquisa bibliográfica deve seguir procedimentos claros que busque situar de forma objetiva o método.

Assim para a construção teórica do presente trabalho alguns textos foram fundamentais, como: “Gestão de Risco e Desastres: Contribuições da Psicologia”; “Psicologia de Emergência e Desastre na América Latina: Promoção de Direitos e Estratégias de Atuação”. Alguns artigos do “I Seminário Nacional de Psicologia das Emergências e dos Desastres contribuições para a construção de Comunidade mais Seguras”, foram imprescindíveis para a construção teórica do artigo.

Dessa forma, a pesquisa foi realizada através de artigos científicos, em bases de dados, livros, dissertações e sites de internet sobre o assunto a ser elucidado, bem como o site do Conselho Federal de Psicologia e alguns Conselhos Regionais de Psicologia que dispunham de muitos materiais pertinentes sobre o assunto estudado.

## **2 HISTÓRICO DA PSICOLOGIA DE EMERGÊNCIA E DESASTRES**

De acordo com Coelho (2006), os primeiros 50 anos entre 1900 e 2000, são considerados como pesquisas esporádicas nessas áreas. Vale ressaltar, contudo, que nesse período os trabalhos sofriam influência da psiquiatria, levando em consideração também a Segunda Guerra Mundial, devido nessa época trabalharem com a ideia de uma guerra nuclear.

Molina, (2006, p. 51), ressalta que os primeiros estudos de que se têm registro em relação a emergências e desastres estão vinculados às guerras mundiais, sobretudo ao fenômeno que se deu nessa época, “como o estresse pós-traumático, conhecido também como fadiga de batalha, neurose de guerra e *flashbacks*”. Muitos dos soldados que estavam em batalha acabavam desenvolvendo algum tipo de problema psicológico, porém os mesmos precisavam voltar para o campo de batalha, pois eles tinham que produzir e conseqüentemente estar bem para lutar em dever do Estado.

Com isso a Psicologia naquela época tinha o objetivo de diagnosticar a forma que as pessoas reagiriam a um desastre, em contrapartida as reações dos sobreviventes não tinha a sua devida importância, no que se refere a uma acompanhamento pós-desastre. “Então, havia um investimento grande para entender as reações das pessoas frente aos desastres e às emergências para, na eventualidade de um ataque nuclear, se saber como conduzir esse tipo de trabalho” (COELHO, 2006, p. 60).

Alguns estudos pontuais ocorreram ao longo desse percurso histórico que contribuíram para o desenvolvimento da área, como por exemplo: o psiquiatra Edward Stierlin é considerado o primeiro dentro da área de desastres. Stierlin buscou trabalhar com acidentes de minas, de trem e incidentes marítimos ocorridos nos Estados Unidos em 1909. O intuito era o de compreender as emoções das pessoas que foram vítimas nesses desastres. Tem-se o primeiro registro de pesquisa científica neste campo o de Samuel Prince no ano de 1920, na cidade de Halifax, no Canadá, no qual estudou explosões e acidentes marítimos. Já em 1944, foi realizado de fato o primeiro estudo que se refere à intervenção pós-desastre. Lindeman é o responsável por esse estudo, que propôs investigar as reações psicológicas de um incêndio no Clube Noturno Coconut Grove, em Boston, onde morreram 400 pessoas. Este é considerado o marco teórico de pesquisa nessa área (ALAMO, 2007; COELHO, 2006; OCAMPO, 2006).

No ano de 1963, as pessoas que foram atingidas pelo terremoto de Skoplje, na Iugoslávia, também foram estudadas. No ano de 1976, durante as inundações em Buffalo Creek, começa-se a falar da necessidade de se trabalhar com os aspectos emocionais de pessoas envolvidas nos desastres (OCAMPO, 2006).

De acordo com Alamo (2007), em 1970 a Associação Psiquiátrica Americana publicou um “manual de primeiros socorros em desastres”. Dessa forma, o manual descrevia diferentes tipos de reações aos desastres, bem como apresentava alguns princípios para tratar de pessoas emocionalmente perturbadas. Em 1974, surge a lei de atuação e ajuda em desastres, por meio do “Instituto de Saúde Mental do Departamento de Saúde dos Estados Unidos”, na qual se inclui uma seção sobre orientação psicológica aos atingidos (OCAMPO, 2006, p.20).

Segundo Ocampo (2006), na América Latina, mais precisamente no Peru, Chile, Nicarágua, México, El Salvador, Guatemala, Colômbia e Honduras ocorreram grandes desastres em amplas proporções. Citando alguns exemplos: no dia 29 de dezembro de 2001, no Peru, ocorreu o “Incêndio de Mesa Redonda”, onde morreram 291 pessoas. A partir desse incêndio foi criada a Sociedade Peruana de Psicologia e Emergência e dos Desastres, devido ao trabalho realizado por psicólogos no local. Dessa forma em 2002, em Lima - Peru, os psicólogos organizaram o “I congresso de Psicologia das emergências e dos Desastres”. Nesse congresso foi criada a Federação Latino-Americana de Psicologia de Emergência e Desastres - FLAPED, que tinha como interesse reunir os profissionais de psicologia em diferentes

sociedades nacionais para que dessa forma os psicólogos pudessem voltar para os seus países com a intenção de desenvolver a Psicologia de Emergência e Desastre. (BORGES; CARVALHO, 2009, MOLINA, 2006,).

De acordo com (MOLINA, 2006, p.54), em março de 2004, foi criada a “Sociedade Chilena de Psicologia das Emergências e Desastres – SOCHPED”, tendo como principais objetivos 1) a descrição e explicação dos processos psicológicos envolvidos nas situações de emergências. 2) a seleção de indivíduos para integrarem a equipe de resgate (ressaltando também os trabalhos que envolviam riscos de maneira geral) 3) capacitação psicológica da comunidade para enfrentar as emergências. Dessa forma, foram diversos eventos que ocorrem para o desenvolvimento e aperfeiçoamento do trabalho da Psicologia de Emergências e desastres. É importante ressaltar que isso possibilitou firmar bases sólidas para trabalhos nessas áreas de atuação.

O envolvimento da psicologia foi muito gradual, e assim continua sendo, porque estamos no século XXI, e só agora estamos trabalhando esse acordo, não apenas no pós-desastre, mas da atuação da Psicologia no trabalho de prevenção (COELHO, 2006, p.59).

Assim, a psicologia vai ganhando espaço e percebendo a sua importância na atuação de situações de emergências e desastres, que vai desde a prevenção até o acompanhamento no pós-desastre, fato que poderá ser visto no decorrer desse trabalho.

### **3 PSICOLOGIA DOS DESASTRES NO BRASIL**

De acordo com (ALVES, 2012, BORGES; CARVALHO, 2009) um dos maiores desastres já registrados no Brasil sem dúvida é o acidente que ficou conhecido como césio-137. O acidente ocorreu em 13 de setembro de 1987, em Goiânia, e é considerado o maior acidente radioativo do país e o maior do mundo, já ocorrido fora de usinas nucleares.

A Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, a Universidade de Brasília - UNB e a Universidade Católica de Goiânia - UCG juntamente com um grupo de psicólogos cubanos realizaram atendimento às vítimas do césio-137 no ano de 1992. (BORGES; CARVALHO, 2009). Neste sentido a Organização Pan-Americana de Saúde - OPAS e Organização Mundial de Saúde – OMS (2011), ressaltam que

este tipo de evento pode ser compreendido como incidente ou situações perigosas que são caracterizadas pelas descargas de substâncias perigosas colocando em risco a saúde de um grande número de pessoas. É importante ressaltar esse evento ocorrido no Brasil, pois este registra o primeiro envolvimento da psicologia com a área dos desastres, essa catástrofe marca o início da presença da psicologia nos eventos adversos.

Contudo, é através da Defesa Civil que a psicologia no Brasil de fato vai tendo maior aproximação com a área dos desastres, levando-se em consideração que a Defesa Civil neste caso busca articular ações em favor das populações afetadas por catástrofes. Assim, a relação entre a Psicologia e a Defesa civil vem sendo construída há algum tempo no Brasil, e distintos eventos ocorreram a fim de instigar a produção de conhecimentos referentes ao tema. (BRASIL, 2010).

De acordo com Brasil (2010) a Defesa Civil é um conjunto de ações que atuam na prevenção e no socorro assistencial, dedicando-se a evitar e tornar mínimo os desastres, busca também, preservar a integridade física e moral da população, restabelecendo a normalidade social.

A Política Nacional de Defesa Civil (PNDC), aprovada por meio da Resolução nº 2, de 12 de dezembro de 1994, do Conselho Nacional de Defesa Civil, representa o conjunto de objetivos que informam determinado programa de ação governamental e condicionam a sua execução. Sua finalidade é a de garantir o direito natural à vida, à saúde, à incolumidade\*, à segurança e à propriedade em circunstâncias de desastres (BRASIL, 2010, p. 20, grifo do autor).

Sendo assim, “o objetivo geral da Defesa Civil é buscar reduzir os Desastres”. Levando em consideração que a redução dos desastres só é conseguida a partir da diminuição da ocorrência e da sua intensidade (BRASIL, 2007, p.5).

“Desde 2005, a Secretaria Nacional de Defesa Civil – SEDEC incentiva organizações que se dedicam ao tema” (BRASIL, 2010, p. 18). Dessa forma vários grupos, inclusive de psicólogos, no campo universitário se reúnem em seminários, oficinas e cursos com o objetivo de discutir sobre o tema.

Para o desenvolvimento de uma Psicologia que possa contribuir com um saber-fazer que favoreça, entre outros aspectos, a construção de políticas públicas de proteção e práticas de prevenção, a denominação atualmente utilizada é Psicologia da Gestão de Riscos e de Desastres ao invés de, unicamente, Psicologia das Emergências e Desastres (BRASIL, 2010, p. 18).

A inserção da psicologia nas situações de emergências e desastres ainda é muito recente no cenário brasileiro. Essa área é considerada em construção, levando-se em consideração que outras áreas de saberes, como a sociologia e a geografia humana foram às primeiras ciências a se preocuparem em estudar esses eventos catastróficos (COELHO, 2006).

De acordo com o Conselho Federal de Psicologia (2011), essas ocorrências no Brasil acontecem com um avançado estado de degradação das condições de vida nas cidades, onde se constatam um grande número do aumento populacional, levando em consideração que muitas pessoas saíram do meio rural para habitar-se na vida urbana. Situações de desastres sejam elas naturais ou produzidas pelos seres humanos afetam consideravelmente as vidas dos sujeitos que neles estão envolvidos, produzindo muitas vezes sérias adversidades e influenciando o modo de cada um desses indivíduos que são vítimas de algum tipo de crise advinda de situações de emergências e/ou desastres. (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2011).

“Estima-se que, na população de 60 a 90% dos indivíduos serão expostos a pelo menos um evento estressor potencialmente traumático ao longo da vida” Breslou et al (1998 apud CAMINHA; KRISTENSEN; DORNELLES, 2008, p. 487). Essa perspectiva mostra a importância da psicologia a se fazer presente nesse tipo de situação levando em consideração que os psicólogos estão aptos a atuar nessas situações adversas prestando serviços às vítimas de eventos catastróficos, pois os mesmos causam traumas que permanecem na vida das pessoas.

A Psicologia brasileira vive este processo e vem se posicionando diante dele. Vem buscando espaços para contribuir na política pública de defesa civil e, ao mesmo tempo, vem construindo referências de atuação em emergências e desastres calcadas na experiência prática e no acúmulo teórico sobre o tema. (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2011, p.5).

Por exemplo, o Estado de Santa Catarina poderia ser considerado um dos estados que mais sofreram situações de emergências e desastres, devido ao seu histórico de enchentes visto no percurso de sua história. Dessa forma, os diferentes atores sociais buscam de alguma forma atuar diante dessas situações de catástrofes, em primeira instância o Estado e a sociedade se ajustam para suprir as principais necessidades da população, como abrigos provisórios, alimentação e cuidados médicos (SILVEIRA, 2011).

Assim, a psicologia encontra espaço para suas intervenções sejam elas individuais ou coletivas. Atuando de forma a não recuar mais desse propósito, pois a psicologia tem o compromisso social de contribuir com a sociedade e nos últimos anos a psicologia vem corroborando com o desenvolvimento da profissão.

Grandes áreas da Psicologia (como a Psicologia Organizacional e do Trabalho, a Psicologia Social Comunitária, a Psicologia Clínica – por meio da psicoterapia breve – a Psicologia na atenção primária em saúde e a Psicologia das Emergências e Desastres) possuem referencial teórico-científico suficiente para que, bem embasados cientificamente, possamos trabalhar em prol da Psicologia ética, responsável em seu compromisso social e comprometida com o protagonismo social das pessoas afetadas [...]. (SILVEIRA, 2011, p. 73).

Destarte, a psicologia no Brasil vem se consolidando cada vez mais, principalmente nas últimas décadas, onde se percebe maior avanço teórico dos campos de saberes da psicologia. Assim, a Psicologia busca denominar-se nesse campo de atuação como Psicologia da Gestão de Riscos e de Desastres, pois o seu objetivo também é de gerenciar essas situações de conflito, em vários aspectos. Assim, percebe-se também o quão é recente a relação da Psicologia com a Defesa Civil, ainda são muitos os caminhos que precisam ser trilhados, porém esse novo campo de atuação da psicologia mostra-se necessário, pois este vem contribuir com a sociedade (BRASIL, 2010).

#### **4 EMERGÊNCIAS E DESASTRES**

Para melhor se entender sobre a atuação da Psicologia nas situações de emergências e desastres, faz-se necessário compreender esses dois conceitos, não a ponto de defini-los, ou esgotá-los enquanto áreas de saberes.

O intuito é o de discutir quais são os seus significados no que concerne a sua devida importância para a prática do profissional de psicologia, elucidando dessa forma a contribuição produzida a partir da discussão desses temas. É importante ressaltar que as emergências e desastres não é um tema relacionado apenas à psicologia, daí provém à importância de conhecer alguns princípios que norteiam esse campo tão recente no nosso cenário. “Esta área nasce já sob um enfoque interdisciplinar. Várias contribuições teóricas a preenchem” (BRASIL, 2010, p. 8).



Dessa forma, será apresentado respectivamente o que cada conceito significa, ressaltando a importância de articulá-los com diferentes percepções de alguns autores que abordam o tema proposto.

#### 4.1 Emergências

Molina (2006), diz que no contexto da América Latina, mais precisamente no Chile, quem primeiro definiu a Psicologia de Emergência foi o psicólogo Cristian Araya. A psicologia de emergência é definida como: “Ramo da Psicologia geral que estuda as diferentes mudanças e fenômenos pessoais presentes numa situação de perigo, seja esta natural ou provocada pelo homem de forma casual ou intencional” (ARAYA, 1999, apud. MOLINA, 2006, p. 53).

Aplicando essa discussão Sá; Werlang; Paranhos (2008, p.1) consideram:

Emergência situações catastróficas ou desastres produzidos por causas naturais como terremotos, erupções vulcânicas, secas, enchentes, tornados, furacões; por acidentes tais como incêndios; ou ainda, condições diretamente provocadas pelo homem como conflitos armados, ataques terroristas, sequestros relâmpagos, violência urbana, tráfico de drogas, entre outros. Em todas essas ocorrências a integridade física e/ou emocional das pessoas está ameaçada (SÁ; WERLANG; PARANHOS, 2008, p. 1).

Assim, percebe-se o quanto é abrangente as situações de emergências, e de como a sociedade é afetada diretamente por tais eventos. Outro fato que deve ser levado em consideração é o que se refere às pessoas que já estão em vulnerabilidade social, pois, considera-se que estas sofrem ainda mais pelos danos que essas ocorrências podem causar.

A Psicologia de emergência está relacionada com três etapas de emergências. “O antes, o durante e o depois. O durante é definido até 72 horas depois da emergência. Conceituar o que se tem que fazer diante de uma emergência deve ser compreendido como uma quarta fase.” (MOLINA 2006, p. 53). Conforme apresenta o quadro a seguir:

Quadro 1 – Etapas de Emergência.

<b>Pré-emergência</b>	<b>Durante a emergência</b>	<b>Pós-emergência</b>
-----------------------	-----------------------------	-----------------------

<ul style="list-style-type: none"> <li>• Capacitação e treinamento em habilidades de resposta diante de uma emergência, à população em geral;</li> <li>• Assessoria na definição de planos de emergência;</li> <li>• Seleção de pessoal para integrar as equipes de primeiras respostas. Planos de monitoramento de estado de saúde mental.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Intervenção em crises;</li> <li>• Aplicação de planos de manejo hospitalar em crises;</li> <li>• Manejo de pacientes e familiares que cheguem a crises decorrentes de emergência ou desastre (enfrentamento num lugar estranho diante de uma situação sensível). Primeiros socorros psicológicos (OPS).</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Avaliação do impacto psicológico e possíveis estratégias de manejo;</li> <li>• Investigação dos efeitos produzidos pela emergência, para melhorar respostas diante de uma possível repetição;</li> <li>• Realização de módulos de autocuidado para a equipe de primeira resposta e funcionários de centros hospitalares em geral.</li> </ul>
--	---	---

Fonte: Molina (2006, p. 53)

O quadro acima apresenta o passo a passo, que pode ser seguido diante de uma situação de emergência. O que Molina (2006) trás a respeito de uma quarta fase nesse modelo, seria definir o “entre”, que pode ser entendido como um plano de ação a ser elaborado nas próximas emergências com o objetivo de mitigar o processo da situação crítica apresentada. Ou seja, descrever os processos psicológicos que possivelmente podem aparecer nas vitimas, as consequências psicológicas acarretadas a curto e a longo prazo, dentre outros, são de extrema importância e devem fazer parte do processo de acompanhamento realizado pelos profissionais.

#### 4.2 Desastres

De acordo com a Organização Pan-Americana de Saúde - OPAS e a Organização Mundial de Saúde – OMS, os desastres e as emergências são definidos como:

[...] Sendo um fenômeno natural ou causado pela ação humana, que produz um distúrbio massivo no sistema dos serviços de saúde, produzindo tão grande e imediata ameaça à saúde pública que o país afetado necessite de assistência externa para enfrentar a situação. (ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DE SAÚDE, ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE, 2011).

Segundo Brasil (2007, p. 8), os desastres são definidos como: “O resultado de eventos adversos, naturais ou provocados pelo homem, sobre um ecossistema vulnerável, causando danos humanos, materiais e ambientais, e consequentes prejuízos econômicos e sociais”. Assim, percebe-se que os resultados de situações de desastres envolvem vários setores da vida dos sujeitos que estão inseridos na sociedade, acarretando sérios problemas na vida dos mesmos.

Os Desastres partiriam da decorrência de um fenômeno, natural ou provocado pelo homem, ou ainda da relação entre os dois, não podendo ser do fenômeno em si, pois este é chamado de evento adverso. Dessa forma, um período sem chuva, ou uma chuva intensa, ou uma explosão química é chamado de evento adverso. Esses eventos, por sua vez, devem ou não se tornar um desastre, pois isto irá depender dos seus efeitos e da sua intensidade, ou seja, deve se ressaltado a quantidade de perdas humanas, matérias e ambientais, que existiram a partir de determinado evento. (OLIVEIRA, 2010).

Para o Conselho Federal de Psicologia (2011, p.25), “Os desastres são produtos de uma combinação particular entre riscos, ameaças e vulnerabilidades da sociedade, paulatinamente construídas nas relações das pessoas com o meio em que vivem”. Ou seja, essa combinação entre esses produtos vem se construindo ao longo do tempo socialmente, levando em consideração que os sujeitos que estão inseridos em determinados contextos, como o da vulnerabilidade social, estão ainda mais suscetíveis a serem afetados por eventos adversos e situações de desastres.

Contudo, vale salientar que a intensidade do desastre não depende apenas da proporção do fenômeno adverso, mas sim, da veemência de vulnerabilidade do panorama do desastre, e do grupo social por ele atingido. Isso possibilita manter um olhar diferenciado para a catástrofe, pois a comunidade atingida tem sua integridade física e psicológica afetada (BRASIL, 2007).

Já para Molina (2006), os desastres são alterações intensas na vida dos indivíduos, nos bens, na sociedade em que vivem, geradas por um episódio natural ou ocasionadas pelo homem, excedendo dessa forma a capacidade de resposta do grupo afetado. Assim, os sujeitos envolvidos em situações de emergências e desastres estão suscetíveis a diversos tipos de alterações nas suas vidas que vão desde as situações econômicas, como também alterações emocionais.

De acordo com a (BRASIL, 2007, p. 37), os desastres de maneira geral são classificados “quanto à evolução, quanto à intensidade e quanto à origem”. Será

apresentado abaixo, como são subdivididos as classificações de desastres, bem como o conceito de cada um. (BRASIL 2007; BRASIL 2010), Oliveira (2010), como:

Quanto à Evolução, os Desastres são divididos, em:

- Desastres súbitos ou de evolução aguda, que é caracterizada pela rapidez com que o desastre evolui;
- Desastre de evolução crônica, (lenta), que se caracteriza pela evolução progressiva ao longo do tempo. Por exemplo: as secas e estiagens;
- Desastres por somação de efeitos parciais, que é caracterizado pelo acúmulo de situações semelhantes, quando os danos são somados ao final de um determinado período. Como no caso de acidentes de trânsito.

Quanto à intensidade os Desastres são divididos em:

- Desastres de nível I, caracterizados por serem de pequeno porte, sendo superáveis e suportáveis pela própria comunidade;
- Desastres de nível II, caracterizados por serem de médio porte. Estes também podem ser resolvidos com recursos da comunidade desde que haja uma mobilização para tal;
- Desastres de nível III, caracterizados por serem de grande porte e necessitarem de amparo externo para a superação dos danos e prejuízos;
- Desastres de nível IV, caracterizadas por serem de muito grande porte. Nesses casos, mesmo as comunidades mais informadas e preparadas necessitam de ajuda de fora da área afetada.

Quanto à origem os desastres são divididos em:

- Desastres naturais, que se caracteriza por serem produzidos por desequilíbrio de fenômenos ambientais. E independem da ação humana;
- Desastres humanos, que se caracteriza pelas omissões e ações humanas;

- Desastres mistos, que são caracterizadas quando as omissões humanas contribuem de alguma forma para a intensificação, complicação e/ou agravamento dos desastres naturais.

Conforme foi apresentado, a classificação dos Desastres é vasta e complexa, isso exige muita responsabilidade ao classificar cada tipo de Desastre. De acordo com Oliveira, (2010), não existe uma classificação internacional aceita por todos os países, pois são muitos os pesquisadores que estudam o tema, ressaltando que cada país tem o seu contexto social, cultural e econômico, e tipos de desastres diferentes. Um exemplo que pode ser dado a esse respeito é a ausência de terremotos e vulcões no Brasil. Isso mostra que cada lugar tem suas particularidades, e surge daí essa dificuldade em consolidar apenas um conceito acerca dos desastres.

## **5 PSICOLOGIA DA GESTÃO DE RISCOS E DESASTRES**

Antes de iniciar a discussão a respeito da atuação da psicologia em situações de emergência e desastres, é necessário se discutir o conceito de “Psicologia da Gestão de Riscos e Desastres”, como atualmente é denominada essa área.

Esse nova denominação favorece não apenas a uma maior abrangência do termo como também possibilita lançar um olhar voltado à “construção de políticas públicas de proteção e práticas de prevenção” que possibilitem e favoreçam aos sujeitos que sofrem com algum tipo de catástrofe (BRASIL, 2010, p.19).

De acordo com Brasil (2010), a Gestão Integrada de Riscos e Desastres pode ser entendida como uma área que busca articular diferentes categorias profissionais e áreas de conhecimentos. Dessa forma, esse novo campo de saber tem como objetivo mapear e analisar os riscos que muitas comunidades apresentam principalmente aquelas com maior vulnerabilidade social, tanto por motivos de estarem situadas em áreas de riscos, como também por apresentarem “pobreza, ocupação inadequada do solo, inexistência de equipamentos urbanos e insuficiência de políticas que atendam a necessidade da população” (BRASIL, 2010, p. 25).

Vale ressaltar, que outros fatores estão envolvidos e contribuem para algum tipo de desastre, tais como; as populações que estão expostas aos riscos tiveram

um grande acréscimo, as variabilidades ambientais e climáticas também contribuíram para as ocorrências e a globalização acentua as desigualdades e ignora os valores locais como a cultura do espaço (BRASIL, 2010).

Assim, a gestão integrada busca elaborar programas com o desígnio de diminuir os riscos aos quais os sujeitos estão expostos, possibilitando um trabalho juntamente com a comunidade afetada por determinado desastre.

A gestão integrada de riscos e desastres diz respeito à identificação, mapeamento e análise dos riscos aos quais determinadas comunidades e pessoas estão expostas, de modo a elaborar programas, planos e medidas com a finalidade de prevenir e diminuir os riscos relativos a esta exposição (BRASIL, 2010, p. 60).

Outro fator que deve ser levado em consideração é a participação da população que está envolvida em determinado desastre, pois o seu conhecimento é imprescindível para o desenvolvimento de trabalho que visa mitigar os danos causados a toda comunidade. Sabe-se que são essas pessoas que estão diretamente envolvidas e sofrem cotidianamente com esse tipo de situação, dessa maneira, nada mais importante do que a própria comunidade que conhece todo o seu território para se fazer presente junto com a equipe interdisciplinar para realizar toda a gestão desse processo (BRASIL, 2010).

Neste sentido, pode-se observar a importância da psicologia comunitária nesses espaços, que neste caso busca articular junto com a população e com as equipes multidisciplinares procedimentos práticos a partir da demanda social apresentada pela comunidade. Dessa forma reuniões com os moradores, grupos de autogestão e o fortalecimento de programas e ações propostas podem ser formas de trabalho com os sujeitos que estão inseridos em determinada comunidade (CAMPOS, 2012).

De acordo com Gois (1993, apud, CAMPOS 2012) a psicologia comunitária visa:

O desenvolvimento da consciência dos moradores como sujeitos históricos e comunitários, através de um esforço interdisciplinar que perpassa o desenvolvimento dos grupos e da comunidade. [...] Seu problema central é a transformação do indivíduo em sujeito (GOIS 1993, apud. CAMPOS, 2012, p. 11).

Elencando a perspectiva da Psicologia Comunitária à perspectiva da Psicologia da Gestão de Riscos e Desastres, nota-se que uma área só tem a contribuir com a outra, uma vez que o trabalho é voltado para o bem-estar da

comunidade, bem como o sujeito é foco do trabalho num primeiro momento. Assim, o trabalho que seria focado apenas no indivíduo passa a ser elaborado a partir de suas relações como um todo, levando em consideração os laços de afetividade com familiares, vizinhos e todos que compõem a dinâmica da comunidade (BRASIL, 2010).

Para Guareschi (2012) falar em comunidade é falar na relação em si, ou seja, as relações existentes entre os sujeitos da comunidade já define o próprio sentido do conceito. As relações comunitárias permitem que seus membros coloquem seus sentimentos, compartilhem suas experiências, seus conhecimentos e protagonizem suas relações de amizade, dessa forma, a relação não pode existir sozinha, sempre é necessário outras pessoas envolvidas para que se constitua as relações. “As relações comunitárias que constituem uma verdadeira comunidade são relações igualitárias, que se dão entre pessoas que possuem iguais direitos e deveres” (GUARESCHI, 2012, p. 79).

Nesse sentido a psicologia busca atuar em diferentes momentos no que concernem as situações de desastres. A atuação do psicólogo deve estar pautada nos Direitos Humanos e deve-se levar em consideração os aspectos sociais, éticos e políticos. Dessa forma, os Direitos Humanos são garantidos, e os sujeitos são compreendidos nas esferas, cognitivas, emocionais e afetivas. (BRASIL, 2010).

Outro ponto que deve ser ressaltado é o que concerne às fases de atuação nos eventos de desastres, no que se refere a Mobilização Social. Conforme segue o quadro a seguir:

Quadro 2 - Etapas de Mobilização Social

<b>Etapas</b>	<b>Sugestão de atividade</b>
<b>Prevenção</b>	Ampliar a percepção de riscos das pessoas e comunidades, colaborando com uma cultura de redução de risco e atuando para minimizar as vulnerabilidades locais.
<b>Preparação</b>	Envolver os diferentes atores na elaboração dos planos de contingência, na construção e difusão dos sistemas de alerta e monitoramento.
<b>Resposta</b>	Mobilizar as redes para que elas mobilizem recursos e auxiliem no atendimento às pessoas afetadas pelo desastre.
<b>Reconstrução</b>	Envolver as comunidades na elaboração dos projetos, que devem se embasar nas necessidades, laços afetivos, significados compartilhados, enfim, nas particularidades culturais e simbólicas de cada comunidade.

Fonte: Brasil (2010, p. 82).

De acordo com Toro; Werneck (1997 apud BRASIL, 2010, p. 74) “O significado comum do verbo mobilizar se refere a dar movimento a, convocar pessoas para”. Assim, a palavra mobilizar remete a um sentido de convocar as pessoas para trabalharem num mesmo fim, com objetivos iguais em prol de um bem comum. O trabalho em coletividade é crucial para o andamento da atuação da equipe multiprofissional, pois esse está intrinsecamente relacionado às decisões a serem tomadas pelos membros da equipe (BRASIL, 2010).

Outro fator que deve ser ressaltado são os diferentes atores sociais que a mobilização deve envolver, tais como: “Líderes políticos, líderes de opinião, as mídias, os burocratas e tecnocratas, os grupos profissionais, associações religiosas, do comércio e da indústria, comunidades e indivíduos, entre outros” (BRASIL, 2010, p. 75). Buscar e manter parcerias para a realização do trabalho é importante, todos esses atores têm um papel fundamental para a realização em situações de emergências e desastres, essas ações só vêm a contribuir para o trabalho de comunicação e atuação dos profissionais.

## 6 PLANO DE CONTINGÊNCIA

Partiremos agora para um dos pontos centrais da atuação em gestão de riscos e desastres e de como o profissional de psicologia pode atuar nessa esfera, a partir do Plano de Contingência. O plano de contingência é resultado da análise dos riscos, que nesse sentido é a primeira fase de administração dos desastres, tornando-se dessa forma um planejamento operacional (BRASIL, 2010).

O Plano de **Contingência\*** é documento planejado e elaborado a partir de estudos de uma determinada hipótese de desastre, resultante de uma análise de riscos. Deve ser elaborado com antecipação, previamente à situação crítica, com a discriminação de ações comuns a cada órgão, entidade ou indivíduo. No caso da atuação da Psicologia, o plano vai recomendar as ações que cada psicólogo, seja através de seus conselhos, sindicatos ou universidades, poderá fazer se a hipótese de desastre se concretizar (BRASIL, 2010, p. 104, grifo do autor).

Dessa forma, o plano de contingência norteia todo o processo pelo o qual profissional de psicologia deve se basear. Ou seja, os psicólogos, a partir da análise de riscos, buscarão fazer parte do plano de contingência, inserindo-se através dos órgãos ou empresas, e apresentarão um modelo específico de plano de



contingência. O Plano de Contingência tem como foco os “desastres naturais relacionados aos fenômenos atmosféricos, meteorológicos ou hidrológicos, sismologia, escorregamentos ou deslizamentos, chuvas intensas, acidentes [...]”, entre outros. É importante ressaltar que cada tipo de desastre citado pode ter um plano de contingência diferente. (BRASIL, 2010, p. 105).

Assim, o plano de contingência deve contemplar distintos aspectos como a localização, a organização dos abrigos, a elaboração de estruturas de socorro às vítimas, a realização dos procedimentos de evacuação dos locais de riscos, bem como a coleta de doativos para a comunidade afetada. Dessa maneira, cabe ao psicólogo construir um protocolo de atendimento para atender a comunidade afetada, tendo como foco o lado psicossocial dos indivíduos que foram vítimas de desastres, pois o objetivo do plano de contingência também é fortalecer os laços sociais existentes dentro da comunidade, fortalecendo também a sustentabilidade de novas redes construídas (BRASIL, 2010).

Esse planejamento deve ser integrado ao Sistema Único de Saúde-SUS, primeiro órgão de acolhimento das pessoas afetadas por desastres, pois os danos e prejuízos resultantes do impacto psicossocial têm sua especificidade, demandando ações pontuais pelos profissionais de Psicologia envolvidos nesse processo. (BRASIL, 2010, p. 106).

Destarte, é importante ressaltar que o plano de contingência deve estar vinculado às redes estaduais, municipais ou comunitárias, tendo em vista que a participação de todos é de extrema importância. Daí parte a vinculação do Sistema Único de Saúde.

Uma vez que o plano foi finalizado, o próximo passo é o treinar a equipe através de simulados, todos os parceiros devem participar do treinamento, pois é através dele que os papéis são definidos. Os simulados são tarefas fundamentais para a preparação das pessoas em situações de desastres, é através deles que é divulgado o plano de contingência elaborado pelos profissionais, envolvidos. (BRASIL, 2010)

De acordo com Brasil (2010), as comunidades devem ser consideradas como organismos vivos, que apresentam grande capacidade de adaptar-se, auto-organizar-se, a partir das relações dos próprios sujeitos que nelas estão inseridos. A comunidade deve ser percebida como um espaço de autonomia e que pode

trabalhar em diferentes aspectos de (re) construção, tornando-se uma comunidade resiliente.

De acordo com a (ESTRATÉGIA INTERNACIONAL PARA LA REDUCCIÓN DE DESASTRES – EIRD apud BRASIL, 2010, p. 65), a resiliência na comunidade pode ser definida como:

A capacidade de um sistema, comunidade ou sociedade potencialmente exposta a perigos de se adaptar, resistindo ou mudando, de forma a atingir e manter um nível aceitável de funcionamento e estrutura. Isto é determinado pelo nível da capacidade que o sistema social tem de se organizar para aumentar sua capacidade de aprender com os desastres passados para sua proteção futura e melhoria das suas medidas de redução de risco. (BRASIL, 2010, p. 65).

O tema de resiliência na comunidade surgiu há pouco tempo e tem sido estudado aos poucos por países e instituições. Embora seja um campo de estudo recente, percebe-se a importância de introduzir esse conceito no trabalho em comunidades, pois numa comunidade resiliente os sujeitos são autônomos e protagonizam o seu processo de reconstrução.

Neste sentido cabe ao psicólogo “identificar as habilidades individuais e coletivas para o enfrentamento de situações de emergência” (BRASIL, 2010, p. 106). Depois dos simulados é importante que os psicólogos revisem o plano de contingência com o intuito de identificar os pontos fortes e fracos, e realizar os ajustes necessários, caso existam.

Outro fator importante neste processo, é que a comunidade que foi mapeada deve atuar efetivamente nos simulados, pois com essa participação os riscos sociais podem ser diminuídos, bem como a vulnerabilidade social pode ser reduzida. Assim, os simulados devem ser repetidos com uma determinada periodicidade, para que haja as atualizações necessárias. (BRASIL, 2010).

O resultado disso, muitas vezes, é que o plano de contingência pode ser substituído pelo plano de operação, que é quando o desastre ocorre. Este último tem como objetivo atender a situação real do desastre, uma vez que ele é a operacionalização do desastre, seria colocar em prática todo o plano de contingência elaborado. Quando ocorre um desastre hierarquicamente a coordenação de Defesa Civil do município é responsável pelo plano, contudo o psicólogo pode inserir-se nesse espaço e ter como base o plano do município respaldando-se pelo seu conhecimento e experiência. (BRASIL, 2010).

Dessa forma, o processo de construção do plano de contingência abrange diferentes instituições, distintos saberes, por isso, deve ser inclusivo, em outras palavras, os representantes governamentais, municipais, estaduais e federais, bem como as organizações não-governamentais, as empresas privadas, os conselhos de Psicologia, as universidades, os profissionais do SUS, os psicólogos do Corpo de Bombeiros, os da Polícia Militar, da Defesa Civil, das prefeituras locais, profissionais de Serviço Social, entre outros, devem fazer parte desse processo de elaboração e execução do plano, neste sentido esse trabalho passar a ser multiprofissional, pois envolve diferentes atores em prol de um bem comum. (BRASIL, 2010).

É importante ressaltar que outros órgãos também se envolvem nas situações de Desastres e devem ser considerados como colaboradores nessas situações.

Os órgãos da administração direta e indireta, os setoriais e os de apoio, como as entidades privadas, associações de voluntários, clubes de serviços, organizações não-governamentais e associações de classe e comunitárias. É importante conhecer a capacidade de resposta de cada um desses órgãos, e identificar como eles podem colaborar no enfrentamento aos desastres (BRASIL, 2010, p. 109-110).

Assim, no plano de contingência deve constar a capacidade de resposta de cada um desses órgãos. Deve-se enfatizar como tudo será organizado e quem organizará, pois o desenvolvimento do processo de reconstrução de determinada comunidade depende desse trabalho realizado.

## **7 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A psicologia Integrada na Gestão de Riscos e Desastres, como se pode ver ao longo deste trabalho, ainda é muito recente no nosso meio. Essa nova área ainda tem muito a ser descoberta e explorada.

A psicologia brasileira tem avançado cada vez mais suas pesquisas nesse campo, uma vez que o Brasil tem passado por momentos de calamidades em algumas regiões do país. Alguns estudos podem ser apontados, como por exemplo, o estudo da Pós-Doutora em Psicologia Ângela Lapa Coelho. A autora se propôs a estudar a Seca no Nordeste, a quem chamou seu estudo de desastres *Sem pegadas*, que pode ser entendida como esses desastres naturais dos quais dificilmente são encontrados na literatura. (COELHO, 2006). Outros estudos que são

desenvolvimentos partem da força Aérea brasileira - FAB, os psicólogos da aeronáutica têm desenvolvido seus estudos no que dizem respeito a acidentes aéreos, tais profissionais têm utilizado algumas técnicas específicas para o trabalho com sobreviventes e vítimas de desastres aéreos.

Vale ressaltar, que essa nova demanda tem convocado de maneira muito rápida a psicologia, percebe-se dessa maneira a necessidade de inserir estudos acerca da psicologia dos desastres dentro das universidades, seja através de cursos de graduação ou pós-graduação. Trabalhar minicursos, palestras e congressos são caminhos que já estão sendo trilhados atualmente, pois estes qualificam os profissionais nesse campo tão emergente.

Dessa forma, a busca por conhecimento teórico que embase a prática do profissional de psicologia é de extrema importância não apenas para o campo científico, mas para o meio social, pois é nessa esfera que será aplicado toda essa construção teórica. Os estudos referentes aos desastres têm contribuído muito para o desenvolvimento das cidades levando em consideração a importância de se trabalhar com a prevenção, principalmente com as comunidades mais vulneráveis socialmente, pois são estas que mais precisam de auxílio nos momentos de emergências. O trabalho de prevenção deve estar sempre presente, é uma forma de problematizar junto com a comunidade e os demais atores envolvidos a importância de mitigar o processo de devastação que um desastre pode trazer.

Dessa forma, a Psicologia brasileira vive um processo de construção teórica dessa nova área de saber, isso vem mostrando a importância da psicologia enquanto ciência e o quanto a mesma contribui para os aspectos sociais, culturais e éticos sejam estes de forma individual ou coletiva.

## REFERÊNCIAS

ALAMO, S. V. **Psicología en emergencias y desastres una nueva especialidad**. 2007. Disponível em: <<http://www.momografias.com/trabajos10/emde/emde.shtml>> Acesso em: 20 ago. 2012.

ALVES, L. **Acidente com o césio-137**. Disponível em: <<http://www.brasilecola.com/quimica/acidente-cesio137.htm>>. Acesso em: 20 de ago. de 2012.

BORGES, I; CARVALHO, A. C. de. A trajetória histórica e as possíveis práticas de intervenção do psicólogo frente às emergências e os desastres. In: V seminário Internacional de Defesa Civil – Defencil, São Paulo. **Anais...** São Paulo: 18, 19, e 20 de novembro de 2009. Disponível em: <[http://www.defesacivil.uff.br/defencil\\_5/Artigo\\_Anais\\_Eletronicos\\_Defencil\\_29.pdf](http://www.defesacivil.uff.br/defencil_5/Artigo_Anais_Eletronicos_Defencil_29.pdf)>. Acesse em: 20 de ago de 2012.

BRASIL. Ministério da Integração Nacional. Secretaria Nacional de Defesa Civil. **Política nacional de defesa civil**. Brasília, 2007.

BRASIL. Ministério da Integração Nacional. Secretaria Nacional de defesa Civil. Universidade Federal de Santa Catarina. Centro Universitário de Estudos Pesquisas sobre Desastres. **Gestão de riscos e de desastres: contribuições da psicologia**. Curso à distância / Centro Universitário de Estudos e Pesquisas sobre Desastres. Florianópolis: CEPED, 2010.

CAMINHA R. M; KRISTENSEN, C H; DORNELES, V. G. Terapia Cognitivo-Comportamental no transtorno de estresse pós-traumático. In: CORDIOLI, A. V. **Psicoterapias abordagens atuais**, 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2008, p.487.

CAMPOS, R. H. de F. (org). Psicologia Social Comunitária: da solidariedade à autonomia. In: CAMPOS, R. H. de F. Introdução: **a psicologia social comunitária**. 17. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

COÊLHO, Â. L. Mesa-redonda 2: Psicologia das emergências e dos desastres: uma área em construção. História e desenvolvimento. Conselho Federal de Psicologia. In: 1º seminário nacional de Psicologia das Emergências e dos Desastres Contribuições para a Construção de Comunidades mais Seguras, Brasília. **Anais...** Brasília, 8, 9, 10 de junho de 2006.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Psicologia de emergências e desastres na América Latina: promoção de direitos e construção de estratégias de atuação**. Brasília: CFP, 2011.

GUARESCHI, P. Relações Comunitárias – Relações de Dominação. In: CAMPOS, R. H. de F. (org). **Psicologia Social Comunitária: da solidariedade à autonomia**. Relações Comunitárias. Relações de Dominação. 17. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

MARCONI, M. de A; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 7. Ed. São Paulo: Atlas, 2010. p. 166.

MOLINA, R. Mesa-redonda 2: Psicologia das emergências e dos desastres: uma área em construção. História e desenvolvimento. Conselho Federal de Psicologia. In: 1º seminário nacional de Psicologia das Emergências e dos Desastres Contribuições para a Construção de Comunidades mais Seguras. Brasília, **Anais...** Brasília, 8, 9 e 10 de junho de 2006.

OCAMPO, H. T. Conferência: Sistemas de atenção às vítimas de situações de emergências e desastres: contribuições possíveis da Psicologia. In: 1º seminário nacional de Psicologia das Emergências e dos Desastres Contribuições para a Construção de Comunidades mais Seguras. Brasília, **Anais...** Brasília, 8, 9 e 10 de junho de 2006.

OGANIZAÇÃO PAN AMERICANA DE SAÚDE. ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. **Desastres Tecnológicos**. Disponível em: <[https://new.paho.org/bra/index.php?option=com\\_content&task=view&id=313&Itemid=592](https://new.paho.org/bra/index.php?option=com_content&task=view&id=313&Itemid=592)> Acesso em: 11/10/2012.

OLIVEIRA, M. de. **Livro Texto do Projeto Gerenciamento de Desastres - Sistema de Comando em Operações**. Florianópolis: Ministério da Integração Nacional, Secretaria Nacional de Defesa Civil, Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Universitário de Estudos e Pesquisas sobre Desastres, 2010.

SÁ, S. D; WERLANG, B. S. G; PARANHOS, M. E. Intervenção em Crise. **Revista brasileira de terapias cognitivas**, 2008, volume 4, número 1.

SILVEIRA, M. C. da. O papel do psicólogo como operador em emergências e desastres: contribuições para uma prática cidadã. Conselho Federal de Psicologia. In: **Psicologia de emergências e desastres na América Latina: promoção de direitos e construção de estratégias de atuação / Conselho Federal de Psicologia**. - Brasília: CFP, 2011.